

Processos de Mudança nos Campos: o **Turismo em Espaço Rural**

LUÍS SILVA * [luis.silva98@gmail.com]

Palavras-chave | Turismo em Espaço Rural, Neo-ruralidade, Arquitectura Rural, Pastoral, Ideologia do Turismo, Portugal.

Objectivos |

- Inserir o Turismo em Espaço Rural nas dinâmicas da neo-ruralidade em Portugal.
- Identificar e caracterizar as unidades existentes no território nacional, bem como os seus titulares.
- Estudar a procura destas unidades de alojamento.
- Analisar os impactos locais do sector, quer em termos perceptivos quer efectivos.
- Examinar outras dimensões do turismo rural em sentido lato nas povoações estudadas de forma intensiva.

Metodologia | O estudo foi feito através da aplicação de um inquérito postal e da realização de um trabalho de campo antropológico com observação directa, entrevistas abertas, e pesquisa bibliográfica e documental.

A pesquisa tem duas escalas de observação, o país (território continental) e três aldeias: Estorãos (Ponte de Lima), Sortelha (Sabugal) e Monsaraz (Reguengos de Monsaraz).

No plano nacional, aplicou-se um inquérito postal às 626 casas inscritas na Direcção-Geral do Turismo em 2001. Paralelamente, efectuaram-se estudos de caso em 30 unidades situadas em diferentes pontos do país – 15 no Minho, 9 na Beira Interior e 6 no Alto Alentejo –, que incluíram entrevistas com proprietários e hóspedes, bem como consulta de livros de honra e livros de registo de clientes.

No plano local, fez-se uma pesquisa de terreno durante cerca de cinco meses em cada uma das aldeias, que incluiu observação etnográfica, realização de entrevistas junto de proprietários, turistas e várias entidades ligadas ao sector, bem como consulta de livros de honra.

Principais resultados e contributos | É o primeiro estudo aprofundado sobre o Turismo em Espaço Rural efectuado à escala do território nacional.

O sector tem um peso residual no universo hoteleiro em Portugal, representando cerca de 2% da respectiva capacidade de alojamento e 1% do número estimado de dormidas.

A oferta agrupa dois tipos de alojamento: o que seria típico dos camponeses com algumas posses e o que associamos às elites de província.

Cerca de 75% das casas estão inseridas em quintas ou herdades e aproximadamente 33% das camas estão localizadas em edifícios anteriormente associados à agricultura: casas de caseiros, cavaliariças, celeiros e lojas de arrumos.

***Doutor em Antropologia** pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e **Pós-doutorando** no Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Os proprietários e os hóspedes destas casas possuem um considerável estatuto socioeconómico e interagem no âmbito de um processo de mercantilização da hospitalidade.

Existem três tipos de proprietários: elites de província; agricultores e criadores de animais; indiferenciados.

Os hóspedes são cidadãos nacionais e estrangeiros movidos por um ideário de tipo pastoral, ao qual se junta a atracção pela História quando frequentam solares e casas apalaçadas.

O sector não se repercute significativamente no tecido socioeconómico das áreas em que é implantado.

O turismo só revitaliza o tecido socioeconómico dos lugares que têm um vasto conjunto de produtos e serviços turísticos, como acontece em Sortelha e em Monsaraz, mas não em Estorãos.

Limitações | Ausência de articulação entre Turismo em Espaço Rural e Turismo Cultural.

A tipificação dos proprietários do sector não inclui os infractores, i.e., os que beneficiaram de dinheiros públicos para recuperar e adaptar casas ao turismo, mas que nunca desempenharam a actividade.

Conclusões | O Turismo em Espaço Rural deriva de políticas nacionais e comunitárias de desenvolvimento local em meio rural assentes numa "ideologia do turismo".

A oferta proporciona dois tipos de alojamento, designados em função da traça arquitectónica dos edifícios e do seu respectivo recheio. O vernacular ou camponês está mais próximo da habitação característica das pessoas do campo com algumas posses e o erudito ou senhorial está mais próximo da habitação característica das elites de província.

Estas casas pertencem e são maioritariamente exploradas e geridas por um só titular. A maioria dos proprietários tem entre 45 e 60 anos, estudos superiores e exercem uma profissão intelectual ou científica paralela à sua actividade gestora da unidade, iniciada mediante o aproveitamento de imóveis pertencentes à família. Contudo, estes não formam um grupo homogéneo, em função das razões pelas quais entraram na actividade e do modo como a desenvolvem, sendo possível identificar três grupos de actores: elites de província, agricultores e criadores de animais, e indiferenciados.

Os hóspedes têm idades compreendidas entre 31 e 45 anos, exercem profissões de "colarinho branco", provêm dos grandes centros urbanos do país e do estrangeiro e os seus consumos turísticos são um meio de distinção social. As suas deslocações ao campo são mais ou menos regulares, breves e estão associadas à prossecução de dois objectivos: romper com a vida quotidiana e obter uma experiência revigorante no campo.

O campo que atrai e fascina estes cidadãos é uma espécie de "paraíso na terra", com virtudes que se crêem ausentes da actual vida urbana, como a tranquilidade, a natureza, a tradição e a autenticidade. A estadia nestas casas torna a experiência de vida no idílio rural mais efectiva, em razão das características próprias e das representações acopladas a estas unidades.

As entidades consultadas, os proprietários e os hóspedes têm uma visão positiva do sector enquanto dinamizador da economia e do emprego ao nível local que se encontra desfasada da realidade. As suas mais-valias não se encontram na esfera económica, mas sim na esfera simbólica. O sector contribui para manter a habitabilidade dos campos que fascinam os cidadãos de classe média do país e do estrangeiro e que constituem um alicerce para a identidade nacional.

O turismo só se repercute significativamente no tecido socioeconómico das populações locais quando existe um leque variado de produtos e serviços turísticos susceptíveis de atrair um volume de visitantes que garanta a sua viabilidade económica, como ocorre em Sortelha e em Monsaraz, mas não em Estorãos.